



Babélia, uma forma de integrar¹

Lorena RISSE²

Thaís FURTADO³

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos

RESUMO: Uma das etapas do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Unisinos se caracteriza pela produção de um jornal semestral no qual notícias, reportagens, opiniões e outros gêneros jornalísticos são produzidos por alunos de cinco disciplinas. Intitulado *Babélia*, o jornal foi uma forma de integrar alunos de disciplinas distintas, mas que poderiam juntos fazer um projeto experimental completo. Hoje o *Babélia* é um dos carros-chefe do Curso e mostra, na prática, o trabalho de alunos e professores no esforço de valorizar a função de autoria dos futuros jornalistas.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo experimental; gêneros jornalísticos; autoria.

1 INTRODUÇÃO

A Unisinos oferece um Curso de Jornalismo que abrange duas vertentes da metodologia pedagógica. Atende aos pontos teóricos que são imprescindíveis para a área e abrange o lado prático, o qual todo o estudante de Jornalismo precisa ter para colocar em prática tudo o que aprendeu em sala de aula. Existe um conjunto de disciplinas, articuladas entre si por pré-requisitos, que procuram relacionar a teoria com a prática na produção de um jornal. Com base no quadro teórico dos gêneros jornalísticos, os conteúdos dessas disciplinas foram organizados em Redação I, normalmente oferecida aos estudantes do quarto semestre na carreira, Redação II, aos estudantes de quinto semestre, Redação III, do sétimo semestre, Fotojornalismo e Planejamento Gráfico II.

Sabe-se que no mercado de trabalho a prática jornalística é realizada sempre em equipe, no relacionamento de diferentes funções. Na Unisinos, o distanciamento entre as disciplinas foi detectado principalmente nas disciplinas de Redação I, II e II que eram diferentes em seus conteúdos e que não davam aos alunos a integração necessária para a troca de conhecimentos. Além disso, as disciplinas de Fotojornalismo e Planejamento Gráfico II também poderiam trabalhar de forma articulada com aquelas que são centradas na produção textual.

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Jornalismo, modalidade Jornal impresso (avulso).

² Aluna líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: lozenarisse@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, email: thaifs@unisinos.br.



A partir da detecção deste distanciamento entre os alunos, que poderiam trabalhar em conjunto na produção de um projeto, foi criado o *Babélia*, como uma tentativa de aproximação entre elas.

2 OBJETIVO

No primeiro semestre de 2004, os professores de redação jornalística repensaram sobre as configurações teóricas e práticas das disciplinas e engendraram o *Babélia*. Uma produção que tinha como objetivo diluir a situação de isolamento das disciplinas e integrar as “redações” em seus diferentes patamares. A ideia era oferecer uma atividade comum aos alunos, que não deixasse de lado as peculiaridades e exigências acadêmicas de cada uma.

A cada o semestre, após um período de reflexão teórica sobre os gêneros jornalísticos, os alunos entram na etapa prática do projeto: escolha de pauta, coleta de dados e redação das matérias. Toda a produção das turmas está enquadrada em editoriais escolhidas semestralmente. O projeto culmina na Semana do Impresso, período no qual todas as páginas do jornal são diagramadas e editadas em parceria com a Agência Experimental de Comunicação (agexCOM) da universidade, que disponibiliza seus estagiários de diagramação para auxiliarem no fechamento da publicação. É também a agência que faz o trabalho de envio de material para a gráfica.

A primeira edição do jornal rodou em maio de 2004 com 24 páginas, e sua impressão foi patrocinada pelo jornal gaúcho *Zero Hora*. A tiragem foi de 2000 exemplares. Em setembro de 2004, os alunos produziram a segunda edição, com o mesmo número de páginas e a mesma tiragem, patrocinada pela Associação dos Dirigentes dos Jornais do Interior (Adjori). Hoje, o *Babélia* tem 36 páginas, é produzido por mais de 200 alunos e está na sua 12ª Edição, partindo para a 13ª, que será finalizada no final do primeiro semestre de 2010 (2010/1). Com a consolidação do projeto, não foi mais necessário o auxílio financeiro externo. É a própria universidade que banca a impressão do jornal, com uma tiragem de 1000 exemplares.

O objetivo do jornal, então, é integrar os alunos de diferentes disciplinas, aproximando-os das práticas do mercado e, ao mesmo tempo, oferecendo-lhes um espaço real de publicação de suas produções acadêmicas, fortalecendo sua função de autores.



3 JUSTIFICATIVA

Para se entender melhor a razão de se estabelecer a integração entre disciplinas na produção de uma publicação, é importante descrever parte da caracterização de cada uma delas.

- Redação I aborda: a diferenciação entre o jornalismo impresso e as demais mídias; distinções entre o jornalismo informativo, interpretativo e opinativo; características da linguagem jornalística; definições de notícia; elaboração de pauta; a entrevista; lead; títulos e legendas; edição de textos; identificação dos elementos da notícia para um novo texto, redução e ampliação do texto. Seus objetivos: dar ao aluno condições de entender e diferenciar o texto informativo dos demais; apresentar conceitos de notícia, seus elementos essenciais e valorizadores; estrutura redatorial da notícia; sistema de redação de notas, notícias e reportagens, com suas aplicações práticas.
- Redação II abrange: definição, conceitos, origens do texto interpretativo, com suas diferenças em relação às outras categorias; teoria e técnica para a elaboração do texto interpretativo e de títulos para o texto interpretativo; a pauta para o jornalismo interpretativo; o perfil no jornalismo interpretativo; elaboração, análise e discussão de perfil; conceito e elaboração do texto especializado. Seus objetivos: possibilitar o domínio das teorias e técnicas necessárias ao aprimoramento do texto; proporcionar o desenvolvimento de reportagens interpretativas, com aprofundamento nos níveis de coleta das informações, conteúdo, desenvolvimento e linguagem jornalística; exercitar a redação de matérias especializadas e/ou dirigidas para públicos diversos; incentivar o desenvolvimento do estilo próprio de redação do aluno; oportunizar a reflexão e discussão sobre a atividade jornalística.
- Redação III aborda: os textos jornalísticos e o "real"; modelos de construção dos gêneros opinativos; as pressões sociais, os jornalistas e a "literatura apressada"; o espaço opinativo informal (opinião na reportagem); o ombudsman - as estratégias mercadológicas do jornalismo; discursos e ideologia - os manuais de redação. Seus objetivos: propor ao aluno possibilidade de entendimento, produção e reflexão a sobre do texto opinativo e seus gêneros.



- Fotojornalismo proporciona ao aluno: o conhecimento dos processos de produção e reprodução da imagem fotográfica. Desenvolve o espírito crítico com relação à carga de informações visuais proporcionada pelo atual século da linguagem imagética.
- Planejamento Gráfico II aborda: técnicas da linguagem visual em uso no jornalismo impresso, gráfico e sua relação com os processos de produção de produtos impressos, precificação, planejamento e execução de projetos gráficos (*Babélia*), finalização e fechamento de arquivos e processos de produção.

Derivado da palavra Babel, o nome *Babélia* foi escolhido como um consenso entre os professores envolvidos, pois expressava a mistura experimental que se pretendia fazer entre as turmas, que inicialmente não tinham nenhum tipo de relação. Com a escolha do nome ficou mais clara a ideia do que mudaria: as disciplinas que antes se restringiam ao que a sala de aula oferecia estavam vivenciando outro tipo de realidade. Durante a produção do jornal, os alunos passaram a vivenciar um clima de redação, com um *dead line* para cumprir e principalmente com a oportunidade de criar juntos e assim trocar experiências sobre a prática jornalística.

O nome *Babélia*, que é inspirado no caderno de cultura que leva o mesmo nome do jornal espanhol *El Pais*, foi discutido e aprovado pelos professores-editores, submetido às primeiras turmas que participaram do projeto e posteriormente reconhecido pelos alunos que aderiram à segunda edição do jornal.

Como já foi dito, o projeto nasceu de uma necessidade de integrar alunos de disciplinas diferentes e como consequência proporcionar aos estudantes um contato com a rotina produtiva jornalística. O *Babélia* não tem fins lucrativos, e sim um anseio de receber respostas positivas para o processo pedagógico que fora aplicado. A partir de então, o *Babélia* ficou definido como um jornal feito e voltado para o público jovem, já que é produzido integralmente por estudantes universitários e direcionado a outros jovens que vivem o ambiente da universidade.

Ou seja, sendo o *Babélia* um jornal produzido por jovens para um público jovem, fica mais fácil definir as expectativas em termos de noticiabilidade e se estabelece uma maior interação com o leitor. Esse aluno-público-alvo é, ao mesmo tempo, consumidor e produtor. Essa aproximação rompe com um dos problemas encontrados na produção de jornais profissionais, como aponta Noblat (2006, p.15): “Os leitores acham que o cardápio



de assuntos dos jornais está mais de acordo com o gosto dos jornalistas do que com o gosto deles. E que a visão que os jornalistas têm da vida é muito distante da visão que eles têm”. Na edição nº 12 do *Babélia*, por exemplo, a matéria de capa trata da “febre” entre os jovens de “baixar” filmes da internet, assunto que interessa diretamente ao público universitário.

Pelas características da publicação apontadas, portanto, sua produção se justifica pelo crescimento teórico e prático que ela possibilita aos alunos que participam de sua construção.

4 MÉTODOS, TÉCNICAS E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA UTILIZADOS

O princípio do projeto que originou o *Babélia* teve como característica o rompimento dos limites didáticos das disciplinas de redação. Como já foi comentado, a experiência do jornal transcendeu uma rotina de sala de aula e ofereceu ao aluno contato direto com a rotina jornalística de fato. Na maioria das vezes, ao longo do curso, o aluno é convidado a escrever seus textos apenas para um leitor: o professor.

No Discurso Didático-Pedagógico, o trabalho de “leitura” se confunde com o trabalho de decodificação da matéria gráfica, e no nível do Discurso, o trabalho se reduz a uma “auto-avaliação” (não é para ler, é para corrigir). (GALLO, 1999, p.5)

Esta situação se torna totalmente diferente quando os alunos trabalham em um projeto e depois de pronto o entregam para que centenas de pessoas “avaliem” seu trabalho.

Como em qualquer sala de aula, seja ela nas universidades ou não, o aluno escreve de acordo com a imagem idealizada que ele faz do professor. Ou seja, ele escreve aquilo que julga que o professor gostaria que ele escrevesse. Isso acontece porque o professor desempenha o papel do sujeito “que sabe”, enquanto o aluno é o sujeito “que não sabe” (ORLANDI, 1996a). O que importa, nesse caso, é a aprovação final concedida por esse único sujeito que é o professor.

Deste modo, o aluno não consegue exercitar de forma plena sua condição de autor do texto que produz. Como se preocupa em preencher as expectativas de seu professor, sua responsabilidade pela organização do sentido e pela unidade do texto produzido se dilui. No momento em que esse aluno passa a ter um espaço de publicação, como é o caso do *Babélia*, passa a ter também leitores concretos, nesse caso seus colegas de universidade. Isso faz com que ele se torne responsável pelo texto que produz e, portanto, autor de seu próprio texto.



Orlandi caracteriza assim a autoria:

É a produção de um gesto de interpretação, ou seja, na função-autor o sujeito é responsável pelo sentido do que diz, em outras palavras, ele é responsável por uma formulação que faz sentido. O modo como ele faz isso é que caracteriza sua autoria. Como, naquilo que lhe faz sentido, ele faz sentido. Como ele interpreta o que interpreta. (ORLANDI, 1996b, p.97)

A vantagem da experiência do *Babélia* é que, desde o quarto semestre, o aluno já pode exercitar a sua função de autor e isso se repete por três semestres consecutivos. Além disso, quando ele participa das disciplinas de Fotojornalismo e de Planejamento Gráfico II ele continua exercendo sua função-autor em outras linguagens, que são a do *design* e da fotografia.

É evidente que esse processo só tem sentido se o professor não interferir autoritariamente na produção do aluno. Seu papel deve ser apenas o de orientador do trabalho, colocando seu conhecimento como facilitador e não como elemento punitivo. Por esse motivo, os professores envolvidos no projeto, em comum acordo, não reescrevem textos de alunos, como poderia fazer um editor no mercado de trabalho. Além disso, todos os textos (das pequenas notícias às reportagens) recebem a assinatura dos alunos, materializando sua autoria.

No mercado, por sinal, a relação hierárquica entre os sujeitos da redação (editor, repórter e outros) e os modos de produção acaba fazendo com que o repórter também escreva pensando no editor idealizado. Esse primeiro leitor, o editor, passa a ter uma importância muito superior a das centenas ou milhares de leitores do jornal. Reproduzir esse tipo de relação em sala de aula significa formar jornalistas não preocupados com sua função de autores. Oportunizar a publicação e todos os processos de produção de um jornal experimental, sem alguns dos constrangimentos encontrados nas redações profissionais, é uma tentativa de, ao menos, refletir sobre essa realidade da profissão.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO E DOS PROCESSOS

O *Babélia* é dividido em editorias, as quais são articuladas de acordo com a proposta de cada disciplina e os diversos tipos de texto: notícias, reportagens, textos opinativos e outros formatos, como a charge. Cada disciplina fica responsável por escrever de acordo



com um gênero jornalístico para a construção total do jornal. Redação I produz as notícias, Redação II, as reportagens e Redação III, as opiniões.

Inicialmente as áreas de fotografia e de diagramação eram o ponto fraco do jornal, pois não havia a adesão das disciplinas correspondentes no projeto. Hoje, as disciplinas de Fotografia Jornalística e de Planejamento Gráfico II trabalham juntas na elaboração do *Babélia*. Os alunos de fotografia participam juntamente com os alunos de Redação II na produção das matérias, contribuindo com as fotos que irão ilustrar as reportagens. A disciplina de Planejamento Gráfico II produz o projeto gráfico do *Babélia* do semestre seguinte. O objetivo é elaborar o projeto gráfico que o jornal terá na sua próxima edição. Isso facilita o processo, já que, ao iniciar o semestre, os professores de redação e de fotojornalismo já têm em mãos o projeto que deve ser aplicado naquele semestre, pois ele foi finalizado no semestre anterior. O *Babélia*, então, tem um projeto gráfico diferente a cada semestre, o que reforça seu caráter experimental.

A primeira semana de aula é esclarecedora para os alunos. É nela que o projeto latente do *Babélia* é apresentado para, ao final do semestre, desabrochar. Na disciplina de Redação I, este esclarecimento é maior e demanda mais tempo e conversa com os alunos, pois para eles trata-se de uma experiência nova. Nas semanas seguintes, para as turmas de Redação I e II, são definidos grupos que formam as editorias. Cada grupo discute e define as suas pautas. A disciplina de Redação III permite a produção individual dos alunos de textos opinativos que estão relacionados com os temas desenvolvidos nas reportagens dos alunos de Redação II. Além disso, algumas páginas ficam reservadas para outros textos opinativos independentes das temáticas das notícias e das reportagens. As páginas centrais da publicação são destinadas a um ensaio fotográfico produzido pelos alunos de Fotojornalismo.

As atividades preparatórias do jornal e as práticas que se destinam a abastecer o jornal propriamente são realizadas no campus universitário ou fora dele, conforme a editoria e a pauta sugerida pelo aluno. O processo de produção é acompanhado pelo professor responsável.

A edição do material do *Babélia* é feita em conjunto. Com os grupos montados e devidamente prontos para a edição do material, é feita uma escolha entre os alunos para a decisão da organização das matérias. Os alunos de Redação I, responsáveis pelas notícias do jornal, escolhem entre si a matéria que mais se destacou entre todas para ocupar o espaço com maior número de caracteres na página, a abertura. Ou seja, o aluno com melhor desempenho fica então com um destaque maior na diagramação do jornal.



As outras notícias são publicadas no restante da página. A cada semestre muda o número de páginas destinadas às notícias, assim como os das reportagens e das opiniões, de acordo com o número de alunos em cada uma das turmas. Cabe esclarecer que normalmente existe mais de uma turma da mesma disciplina no mesmo semestre.

As reportagens produzidas pelos alunos da disciplina de Redação II são compostas obrigatoriamente de fotos – produzidas na disciplina de Fotojornalismo - e cada uma ocupa uma página da publicação. Cada reportagem é acompanhada de um texto opinativo dos alunos de Redação III sobre o mesmo assunto. Essa relação dos temas é possível de ser feita porque os alunos de Redação III recebem as pautas elaboradas pelos alunos de Redação II para suas reportagens. Os alunos de Fotojornalismo também recebem as mesmas pautas.

Uma das reportagens, escolhida como a mais interessante pelos professores, ganha um espaço diferenciado no jornal (páginas 4 e 5), passando a ser tratada como Reportagem Especial. É ela que ocupará também a capa com a manchete e uma foto em destaque.

A edição final e a diagramação das páginas, como já foi explicado, acontece na Semana do Impresso, quando todas as turmas se envolvem concomitantemente com o fechamento da publicação, gerando um “clima de redação profissional” reforçado pela presença de estagiários da Agência Experimental de Comunicação (agexCOM) nas salas de aula. Algumas turmas, inclusive, se deslocam para agência para fazer esse trabalho de fechamento.

Na edição nº12 do *Babélio*, vários assuntos que dizem respeito ao cotidiano do público jovem foram tratados. Além da matéria de capa já citada, o jornal traz reportagens sobre o desafio de viver de música, a moda ditada pela televisão, as festas com música eletrônica, as “consultas médicas” pela internet, o descaso com os animais, os trabalhos plagiados, os times rivais do futebol gaúcho, a participação dos jovens na política, entre outros assuntos que chamam a atenção do público-alvo da publicação, que tem a mesma faixa etária dos repórteres.

Ao final de cada semestre de aulas e muita prática, os alunos entregam suas produções para o público universitário. A publicação fica disponível em toda a universidade, principalmente no Centro de Ciências da Comunicação. Nas semanas seguintes ao lançamento, as atividades de sala de aula são voltadas à análise dos resultados e sugestões de estratégias para a edição seguinte. É importante destacar que



muitas mudanças ocorreram desde o primeiro número do *Babélia* por apontamentos dos alunos.

6 CONSIDERAÇÕES

Os resultados com as ações do *Babélia* vêm repercutindo na formação dos alunos e, quem sabe, em suas habilidades, em dois eixos: a) espaço jornalístico e b) tempo jornalístico.

Na dimensão do espaço jornalístico, a inserção da Agência Experimental de Comunicação nas atividades curriculares garante a dinâmica ao que anteriormente era realizado em sala de aula e fora dela, mas que não se materializava concretamente em uma mídia. Ainda no que se refere à questão do espaço, a própria expectativa dos alunos de inserir a sua produção no espaço da página, no caso a materialidade do *Babélia*, é considerado como elemento positivo da experiência.

Na dimensão do tempo jornalístico - um elemento tão importante no ritmo das rotinas jornalísticas -, vale destacar que com a experiência do *Babélia*, o tempo da sala de aula ganha uma dimensão nova, mais próxima do tempo da redação jornalística. Esse tempo jornalístico materializado em um instrumento pedagógico concreto pode ser observado de diferentes formas nas diferentes disciplinas.

Na disciplina de Redação I, o dia de fechamento da edição representa a culminância da experiência com o tempo jornalístico da notícia: os alunos, observando os prazos, trabalharam, como se diz no jargão jornalístico, “contra o relógio”. Na disciplina de Redação II, a experiência do tempo estendido – já que durante várias aulas os alunos se envolvem com a produção da reportagem mais aprofundada - repercute sobre as atividades de elaboração dos processos de coleta de dados, escritura e edição e igualmente sobre a exigência de qualidade. Outro avanço na disciplina para além do que vinha sendo obtido antes da criação do *Babélia* ocorreu com o acompanhamento das rotinas de edição. Na disciplina de Redação III, os alunos ganham com a experiência em vários aspectos: nas trocas com as outras disciplinas, no sentido de produção de textos articulados ao material informativo e às reportagens, e na edição das páginas. Os alunos de Fotojornalismo e Planejamento Gráfico II ganham com a possibilidade de também expor seu trabalho aos leitores, o que não acontecia antes da publicação do jornal, e com a prática da escolha de formatos e imagens que é rotineira no trabalho jornalístico.

A produção do *Babélia* proporciona a troca de experiências entre alunos e professores, valorizando a função autor dos alunos e aproximando-os da realidade do



mercado de trabalho. É importante destacar que a atividade prática é o resultado também de discussões e reflexões desenvolvidas em sala de aula, por cada professor, em suas disciplinas específicas. Do mesmo modo, é de grande relevância o fato do Curso de Jornalismo da Unisinos conseguir unir em um só projeto gráfico experimental cerca de 200 alunos e 10 professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GALLO, Solange. **Discurso da escrita e ensino**. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.
- NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ORLANDI, Eni P.. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1996^a.
- ORLANDI, Eni P.. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: vozes, 1996b.